

Ensino de História: a que(m) será que se destina?

Teaching History: who/what is it intended for?

Prezados leitores, prezadas leitoras,

Uma abordagem pós-estruturalista de “comunidade disciplinar” (Costa; Lopes, 2016) nos permite dar conta de uma multiplicidade de objetos, interesses, abordagens e articulações político-epistemológicas que atravessam um campo científico. Olhar para o campo do Ensino de História a partir dessa perspectiva potencializa a constatação de sua complexidade em termos de suas fronteiras ontológicas, epistemológicas e didáticas. Dito de outro modo, trata-se de apostar na ampliação do que pode ser feito em seu nome.

Esse movimento reverbera disputas e fixações em torno da função social da História e, mais particularmente, da História em contexto educativo. Vivemos em tempos de antropoceno, de desconfiança em relação às metanarrativas da Modernidade, de profusão de Inteligência Artificial generativa, de ampliação de demandas de identidade/diferença, de recrudescimento do ultraconservadorismo político e econômico que amplia radicalmente as desigualdades e visa interditar a pluralidade de formas de habitar o mundo. Em que medida esses “ares do tempo” implicam os modos de fazer, subjetivar, objetivar e ensinar História?

Idealmente, para responder essa indagação seria necessário convocar a comunidade disciplinar a se debruçar detidamente sobre um amplo acervo empírico capaz de oferecer subsídios relevantes para a reflexão. No entanto, essa idealização contraria a própria perspectiva mobilizada para investir na comunidade disciplinar como categoria de análise potente para pensar o que pode ser feito em nome do ensino de História. A noção de comunidade disciplinar como “conjunto de subjetividades constituídas em operações provisórias no campo discursivo da disciplina” (Costa; Lopes, 2016, p. 1028) nos autoriza a dizer que respostas à indagação proposta no parágrafo anterior têm

sido produzidas em inúmeras frentes, de vários modos e sem, necessariamente, ter como objetivo respondê-la. Afinal,

a comunidade e as subjetividades/identificações não possuem uma origem, uma gênese. Seus saberes são construídos ao passo em que as subjetivações disciplinares também o são. É por meio de diferentes lutas políticas que campos disciplinares são organizados, organizando simultaneamente as identificações disciplinares (Costa; Lopes, 2016, p. 1028).

Ou seja, não se define primeiro o que pode ser dito e feito — se diz e se faz. Não há uma ordem original ou alguém ou algum grupo com o monopólio do controle desse processo. Trata-se, portanto, de disputas que animam a comunidade. São difusos, complexos e controversos os movimentos que concorrem para dar contornos ao campo do Ensino de História. Tudo isso em meio a relações assimétricas de poder que reverberam, inclusive, projetos particularistas de significação da História, do ensino, da aprendizagem, da docência, de sujeito e de conhecimento em disputa por hegemonização.

Nesse sentido, é lógico supor que tais disputas se dão em diferentes espaços, mais ou menos institucionalizados, com distintos graus de participação e diferentes capacidades de interferir nos precários, parciais e contingentes fechamentos de sentido. Assim, face à argumentação construída até aqui, parece igualmente lógico afirmar que a Revista História Hoje se constitui, simultaneamente, como espaço onde essas disputas ocorrem e onde são produzidas algumas hegemonizações.

A depender do recorte temporal escolhido, outros resultados apareceriam. No entanto, interessa, neste momento, usar como balizas os últimos seis números publicados, incluindo este no qual se insere o presente Editorial. Foram cinco dossiês que, junto com as contribuições enviadas em fluxo contínuo resultaram em 55 artigos, sete artigos na seção *História Hoje na Sala de Aula*, dois na seção *Falando de História Hoje*, dois na seção *E-Storia*, um na seção *Bricolagens Históricas*, iniciativa recente aberta a formatos alternativos e à contribuição por parte de graduandos, além de sete entrevistas, seis resenhas e seis editoriais.

Os temas dos dossiês foram relacionados a teorizações sobre o fenômeno “aula de História”, articulações entre o “mundo do trabalho” e o ensino de

História, aos 60 anos do Golpe de 1964 e suas reverberações no ensino e na aprendizagem da História, à educação popular e à teledramaturgia. Temas clássicos e contemporâneos tiveram, portanto, lugar nas discussões consolidadas por meio de dossiês que os exploraram, de variadas formas, dotando de complexidade esses objetos. Os artigos publicados em fluxo contínuo também contemplam temas clássicos e contemporâneos. No bloco dos clássicos, destacam-se os seguintes temas: livros didáticos de História, museus, trajetória docente e aprendizagem histórica. No bojo dos temas contemporâneos destacam-se antirracismo, empatia histórica, articulações entre gênero e sexualidade e de revisionismo ideológico.

O número atual, que não conta com um Dossiê temático, traz cinco artigos em fluxo contínuo. Ramon Lamoso de Gusmão e Carlos Ângelo de Menezes Sousa, em “Os trabalhadores e a construção de Brasília em livros didáticos de história” analisam as narrativas sobre a construção de Brasília em sete livros didáticos de História. Utilizando fundamentos conceituais da teoria da história, da didática da história e da história vista de baixo, os autores constataam silêncios a respeito do papel, das experiências e identidades dos operários que construíram a capital federal. Em “Paradigmas de representação histórica visual e Análise de Redes no Ensino de História: primeiras aproximações”, Jaime Valim Mansan propõe o desenvolvimento de um software livre para facilitar a inclusão e acessibilidade no uso de tecnologias que contemplem História Digital, História Pública e Humanidades Digitais. Renan Santos Mattos, autor de “As relações étnico-raciais e a Educação Infantil: perspectivas antirracistas e a história de Santa Maria-RS”, problematiza o currículo da educação infantil da cidade de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, tendo como aportes teóricos estudos produzidos no âmbito das relações raciais, da sociologia das infâncias e da historiografia para argumentar em favor de uma educação infantil antirracista. Naicon de Souza Brinco traz uma importante contribuição ao campo do Ensino de História ao produzir uma curadoria digital dos anais dos dois principais eventos do campo: o Encontro Nacional de Pesquisadores do Ensino de História (ENPEH) e Perspectivas do Ensino de História, ambos organizados pela Associação Brasileira de Ensino de História (ABEH). O acervo produzido se constitui como excelente espaço de investigação sobre as questões que interpelam o campo em sua historicidade. O título de seu artigo

é “Curadoria digital e ciência aberta: organização dos anais do ENPEH e Perspectivas (1988-2020)”. Por fim, em “Esperança: um amuleto ou uma lança? Afetos e futuros presentes no ensino de História”, Mariana de Oliveira Amorim e Caroline Pacievitch exploram sentidos dos termos “afeto” e “esperança” a partir de Spinoza e Paulo Freire, percorrendo algumas de suas implicações no campo do Ensino de História, sobretudo para se pensar uma ética da docência em história.

Considerando que a seção *História Hoje na Sala de Aula* é focada em processos, dinâmicas, estratégias de ensino, procedimentos didáticos e/ou questões relacionadas ao ensino de História, sobretudo na educação básica, mas também no ensino superior, é razoável supor que eles refletem inovações de várias ordens que atravessam as relações de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, não há como não reconhecer o protagonismo que a Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino de História, o ProfHistória, adquire nesse contexto. Docentes de História de todo o país têm se dedicado a problematizar as demandas e os desafios que emergem em seus espaços de atuação e oferecem respostas a essas questões que, em alguma medida, mediante necessárias adaptações, podem contribuir em diferentes esferas educativas. A chegada do curso de Doutorado no ProfHistória tende a ampliar ainda mais esse potencial.

Os temas evocados nos artigos dessa seção foram: uso de podcasts, abordagens decoloniais e antirracistas, formação em serviço, direitos humanos e história indígena. No presente número são dois os artigos nessa seção. José Aparecido da Silva Rocha é autor do artigo “Ensino de História com mitos e lendas: uma experiência docente na comunidade quilombola de Pau D’arco, Arapiraca-AL”. Nele, o autor explora uma atividade que focou no trato de rastros do imaginário popular da comunidade quilombola de Pau D’arco, localizada no estado de Alagoas. Os desdobramentos da atividade apontam para a ampliação da noção de pertencimento dos estudantes com o meio em que viviam através de narrativas do campo subjetivo. Em “Literatura e Música nas aulas de História: a construção de sentidos sobre a cultura afro-brasileira na escrita criativa de estudantes”, Lisiane Sias Manke, Daniel Sias da Silva e Simone Weber Cardoso Schneider analisam os resultados da oficina “Leitura, Escrita e Cultura Afro-brasileira”, realizada no âmbito do Programa Residência Pedagógica (edição 2022-2024), na qual foram contempladas estratégias

para o desenvolvimento da leitura, da escrita e da interpretação histórica, enquanto mecanismos para construção da cidadania. As produções escritas realizadas por estudantes a partir dessa oficina apresentam textos sensíveis e poéticos como expressão da consciência histórica e racial dos estudantes.

A seção *Falando de História Hoje* é composta por artigos que privilegiam questões teóricas, conceituais e/ou metodológicas da área da História que sejam capazes de adensar e contribuir para o debate sobre o ensino de História. No biênio 2023-2025 os artigos publicados nessa seção focaram na equivalência epistemológica entre tradições de conhecimento indígenas e ocidentais, e nas aproximações e distanciamentos entre o trabalho acadêmico e o trabalho voltado para um grande público a partir da discussão sobre História Pública.

A seção *E-Storia*, voltada para explorar experiências ou resultados de pesquisa sobre as relações possíveis entre o Ensino de História e as Tecnologias de Informação e Comunicação, contou com um artigo que tematizou um repositório aberto de métodos em Humanidades Digitais para letramento digital e outro que abordou jogos com fins didáticos.

Por fim, a seção *Bricolagens Históricas*, novidade implementada neste biênio, aberta a graduandos/as, e cujos formatos possíveis são diversos (desenhos, tirinhas de histórias em quadrinhos, charges, poesias, canções, memes, cartuns, caricaturas, linhas de tempo, entre outros), estreia no presente número uma contribuição. Ela foi produzida pelos/as licenciandos/as em História Jonas Augusto Silva e Mariana Silva Barbosa que apresentam uma proposta didática, com um leque, que busca pensar as questões que envolvem o ensino de História sobre temáticas de gênero e sexualidade em sua perspectiva histórica. O título é “O ‘Leque do Tempo’”.

As entrevistas publicadas foram majoritariamente articuladas aos Dossiês, de forma que sujeitos atravessados pelas temáticas dos dossiês em seus fazeres sociais e/ou de pesquisa puderam apresentar suas ideias nesse importante modo de produção de narrativa/conhecimento. No entanto, para além dos sujeitos associados às temáticas dos dossiês, foi publicada também uma entrevista que teve o antirracismo como tema e, no presente número, os negacionismos relacionados à Ditadura civil-militar brasileira foram a pauta da entrevista realizada por Fagno da Silva Soares e Maycon Dougllas Vieira dos Santos com o historiador Marcos Napolitano.

Assim como as entrevistas, as resenhas também estavam vinculadas aos Dossiês. No presente número o livro resenhado é “Ensinar história: a arte de criar encontros alegres”, de autoria de Nilton Mullet Pereira, Amanda Gisele Rodrigues, Héryka da Luz dos Santos, Thainá Maria da Silva, Fernanda de Amorim Golembiewski, Gabriel Torelly, Tanara Forte Furtado, Macello Paniz Giacomoni e Bibiana Harrote Pereira da Silva. A resenha, de autoria de Flávio Pereira Bastos, sublinha como a obra apresenta não somente formas de “conceituar” as práticas de ensino e aprendizagem, mas demonstra sobretudo como as relações docente-discente permitem pensar, ver e sentir por que, como e o que se constrói ao ensinar e aprender História em diferentes contextos escolares e curriculares.

Esse mapeamento, além de permitir identificar a que e a quem tem se destinado o ensino de História ou, dito de outro modo, o que tem atravessado as objetivações e subjetivações em torno do ensino de História, serve também como uma prestação de contas. Afinal, o presente número é o último da atual gestão da ANPUH – Brasil e, conseqüentemente, da Revista História Hoje. O foco, durante esse período, foi garantir que a pluralidade de objetos, temas, posturas epistêmicas, perspectivas teóricas, abordagens metodológicas e lugares de enunciação que estruturam o campo do Ensino de História e resultam dos modos de sua comunidade disciplinar se organizar pudessem ter espaço. E isso foi efetivado. Para além das temáticas aqui apresentadas e dos elementos teóricos e metodológicos que podem ser identificados em cada texto publicado, registra-se, ainda, que nesse período tivemos textos das cinco regiões do país, além de contribuições provenientes da Argentina, do Uruguai e de Portugal. A Revista História Hoje continuará, no próximo biênio, servindo ao contínuo amadurecimento e fortalecimento do campo do Ensino de História.

A publicação dos textos que compõem este número da Revista História Hoje só se tornou possível pela participação dos/as autores/as e dos/as pareceristas. Agradecemos a generosidade e o trabalho cuidadoso e rigoroso de todas as pessoas envolvidas. Isso inclui também o trabalho do assistente editorial Marcus Vinicius Correia Biaggi, da revisora Carolina Giacomo, e do diagramador Flavio Peralta.

Para o fortalecimento de nossa revista e conseqüente ampliação da visibilidade dos artigos nela publicados, é importante que os links dos artigos sejam

compartilhados, ao invés dos próprios arquivos. Por fim, desejamos que a leitura dos textos deste número instigue reflexões, amplie perspectivas, promova outras formas de compreensão sobre a História, seu ensino e sua função social e, especialmente, que contribua para uma educação radicalmente democrática.

Boa leitura!

Marcus Bomfim
Editor-Chefe (2023-2025)

REFERÊNCIAS

COSTA, Hugo Heleno Camilo; LOPES, Alice Casimiro. A comunidade disciplinar em Goodson: impasses em um registro pós-estrutural. *Revista Brasileira de Educação*, v. 21, n. 67, out.-dez., 2016.